

DIAGNÓSTICO DA GRAVIDEZ NOS ANOS SESSENTA

Nos anos sessenta o diagnóstico de probabilidade da gravidez realizava-se através da reação biológica de Galli-Mainini (1947). O resultado do pedido de exame necessitava dias de espera; o retorno da paciente era marcado ao redor de 15 a 30 dias após a consulta inicial. O diagnóstico de probabilidade de gravidez acontecia, em geral, a partir do 2º ou 3º meses gestacionais (gravidez de 45 a 125 dias).

Lembro-me da multipara experiente, referindo sua falta de menstruação há 30 dias, querendo que, após exame ginecológico, fosse dado o diagnóstico positivo de sua gravidez. Como obstetra iniciante, disse-lhe da necessidade de pedir o exame de urina para confirmação e que retornasse após 30 dias para saber o resultado do exame. Incontinente, sorrindo, a paciente disse-me: “Doutor, até lá, até eu já sei se estou grávida ou não, e nem preciso saber o resultado do seu exame!”. Ela tinha razão: estava grávida.

Outra paciente veio ao pré-natal, supondo prenhez de 2 meses, porque havia quase um mês, que ela estava com vontade de comer sabonete “Gessy”. Em todas suas gestações anteriores, sempre comia pedaços deste sabonete. Foi difícil convencê-la a realizar o exame de urina. Ela também estava grávida.

A negação de prenhez pelas pacientes era freqüente, quando discordávamos afirmando que estavam grávidas. Uma primigesta disse que era impossível estar grávida, porque só fazia sexo com seu “marido embriado”

(marido embriado). Explicou-me que o método anti-concepcional do casal, consistia em embrulhar o órgão genital de seu marido com um lenço comum, dentro do qual ele ejaculava às relações (como se fora um condom).

A viúva virtuosa (40 anos) internada por hemorragia genital (útero gravídico), ficou furiosa quando pedimos o exame de urina, antes de realizar a exclusão diagnóstica de gravidez ativa. “Como poderia o médico duvidar de sua honorabilidade e pureza!” Com exame de Galli-Mainini negativo, curetagem uterina realizada, exame anátomo-patológico de restos placentários, à alta médica a paciente chamou-nos para falar ao “pé do ouvido”: “_Doutor estou muito infeliz, porque alguém aproveitou-se de mim e não sei quem foi”. Somente poderia ter acontecido no mês anterior, quando ficara durante a noite no guardamento (velório) de uma amiga falecida. Não dormira a noite anterior (era asmática); voltara cansada para casa, de manhã, deixando a janela aberta de seu quarto para refrescar-se; dormiu um sono bem pesado até o fim da tarde. Neste tempo algum homem teria pulado a janela, e se aproveitado dela, sem que ela acordasse. Que infeliz ela tinha sido! Tencionava ir denunciar o safado para o Delegado de Polícia!

Joe Luiz Vieira Garcia Novo

Professor Associado do Depto. de Cirurgia – CCMB/PUC-SP.